A fábrica *Cyrilla* de Santa Maria: Construção da identidade, memória e pertencimento local

La fábrica Cyrilla de Santa María: construcción de la identidad, memoria y pertenencia local

Bruna Lima
Universidade de Passo Fundo - UPF
brunalima@upf.br
https://orcid.org/0000-0001-6853-4998

Resumo. Este artigo analisa o papel da Fábrica *Cyrilla* na formação da identidade sociocultural e econômica do município de Santa Maria Rio Grande do Sul, Brasil. A partir do contexto histórico marcado pelo entroncamento ferroviário, presença militar e imigração europeia, investiga-se como a *Cyrilla* consolidou-se como marca de pertencimento da comunidade local, para além inserção regional no desenvolvimento industrial local, mesmo em contextos nos quais a fábrica passou dificuldades e se manteve fechada. Utilizando uma abordagem qualitativa fundamentada na análise documental de correspondências do acervo da fábrica, matérias da imprensa local e revisão historiográfica, o estudo demonstra que a relação entre a *Cyrilla* e a população transcendeu a produção de bebidas, constituindo-se como um elemento central da memória coletiva santa-mariense.

Palavras-chave: Fábrica *Cyrilla*; Santa Maria; memória coletiva; identidade local; desenvolvimento regional.

Resumen.. Este artículo analiza el papel de la Fábrica *Cyrilla* en la formación de la identidad sociocultural y económica del municipio de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. A partir del contexto histórico marcado por el nudo ferroviario, la presencia militar y la inmigración europea, se investiga cómo la *Cyrilla* se consolidó como un símbolo de pertenencia para la comunidad local —más allá de su inserción regional en el desarrollo industrial—, incluso en momentos en que la fábrica atravesó dificultades y permaneció cerrada. Mediante un enfoque cualitativo basado en el análisis documental de correspondencia del archivo de la fábrica, artículos de la prensa local y una revisión historiográfica, el estudio demuestra que la relación entre la *Cyrilla* y la población trascendió la producción de bebidas, constituyéndose en un elemento central de la memoria colectiva de Santa Maria.

Palabras clave. Fábrica *Cyrilla*; Santa María; memoria colectiva; identidad local; desarrollo regional

Formato de citación. Lima, Bruna. (2026). A fábrica *Cyrilla* de Santa Maria: Construção da identidade, memória e pertencimento local. *URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales, 16 (2*), 61-70.

Recibido: 16/08/2026; **aceptado:** 24/10/2026; **publicado:** 11/11/2026
Edición: Ciudad de México, 2026, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco

Introducción

A formação socioespacial de Santa Maria, cidade situada no centro do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, foi atravessada por dinâmicas históricas de articulação geopolítica de fronteiras, pela presença militar e, a partir do final do século XIX, pela consolidação do entroncamento da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), além do fluxo de imigrantes alemães e italianos. Como registraram Padoin (1992) e Beber (1998), essas condicionantes históricas e geográficas contribuíram para uma redefinição da economia local, impulsionando a transição da pecuária e do tropeirismo, para um polo comercial, agroindustrial, comercial e de serviços.

Dentro deste contexto, no início do século XX, destacamos a fundação da Fábrica *Cyrilla* de Bebidas Ltda. Com atividades iniciadas em 1906 e inauguração oficial em 20 de setembro de 1910, propriedade de Frederico Adolfo Diefenthaler e Ernesto Guilherme Geys, a empresa estabeleceu-se estrategicamente no Bairro Itararé, próximo às oficinas e trilhos da ferrovia. A *Cyrilla* notabilizou-se como uma das pioneiras no setor de bebidas da região central do estado, sendo reconhecida escala local, alcançando reconhecimento internacional, através de premiações, que faziam referência a qualidade dos seus produtos.

A historiografia recente que aborda questões relacionadas a fábrica tem ampliado as lentes analíticas sobre seu papel. Antunes (2014), por exemplo, enfatizou a constituição da *Cyrilla* como patrimônio industrial, marca registrada da identidade santa-mariense e espaço de memória afetiva. Já Lima (2019), além de corroborar com Antunes (2014), demonstrou como o estudo da fábrica *Cyrilla* contribui para compreendermos as complexas fronteiras entre o regional e o transnacional no âmbito das políticas de

desenvolvimento do Brasil em determinados contextos. Neste artigo, nosso objetivo é analisar a construção da relação de identidade entre a Fábrica *Cyrilla* e a comunidade santa-mariense, articulando a dimensão local da memória e do pertencimento comunitário com as pressões e dinâmicas macroeconômicas estatais e transnacionais, vivenciadas por ela.

A análise fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter histórico-documental e analítico. O corpus empírico e historiográfico organiza-se em três eixos metodológicos: revisão historiográfica, com base em uma articulação de obras que dedicaram seus estudos a formação socioeconômica de Santa Maria, com as pesquisas específicas sobre a fábrica; análise de correspondências preservadas no acervo da fábrica, enviadas por comerciantes, entidades locais e moradores nas décadas de 1980 e 1990, além de análise de fontes impressas, como notícias da imprensa local.

A Fábrica *Cyrilla* de Santa Maria: Fragmentos de sua História

Ao estudarmos a indústria ou a produção industrial santa-mariense, é importante ressaltarmos a influência da inserção da ferrovia e, também, a contribuição de imigrantes alemães e italianos, como demonstraram Padoin (1992) e Beber (1998). Historicamente, Santa Maria teve a maior parte de seu capital econômico oriundo da agropecuária e do setor de serviços, com destaque para o comércio. Estes teriam sido possibilitados, principalmente, porque Santa Maria foi um dos principais centros da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), sendo que possuía e, ainda mantém, grande contingente militar, além de estar posicionada geograficamente no centro do estado do extremo sul do Brasil e, assim, próximo da Argentina e do Uruguai (Lima, 2022).

Em razão de sua localização estratégica, Santa Maria consolidou-se como um dos principais entroncamentos ferroviários do Sul do país, sobretudo após a inauguração do primeiro trecho da linha Porto Alegre-Uruguaiana, em 1884 (Grunewaldt, 2010). Essa condição converteu o município em um dinâmico entreposto comercial, por onde circulava grande parcela do tráfego de trens do estado. Esse processo impulsionou significativas transformações, de modo que "a imagem de vilarejo foi sendo deixada para trás e, com a chegada dos escritórios da Cia. Belga, em 20 de julho de 1905, com a construção das oficinas na cidade e no Km 3, Santa Maria chega ao século XX, como importante centro ferroviário" (Grunewaldt, 2010, p. 336).

Machado (2012) também destaca a relevância da posição geográfica na formação de Santa Maria no âmbito das disputas territoriais da Bacia do Prata, momento em que o povoado surgiu "como uma importante referência geográfica para a conquista portuguesa no Sul e na guarnição das fronteiras" (p. 31). A autora assinala que a influência militar da localidade manifestou-se antes mesmo da sua fundação oficial, "com o acampamento da Comissão Demarcadora de Limites" (Machado, 2012, p. 44). Nesse contexto, ela relaciona o fato de o município abrigar, atualmente, o segundo maior contingente militar do Brasil a esse próprio processo histórico-geográfico que o originou:

> O município de Santa Maria, localizado na região central do Rio Grande do Sul, se constitui, hoje, no segundo maior contingente militar do país, em termos operacionais (poder bélico), conferindo a cidade uma importância estratégico-militar. Essa presença militar no território de Santa Maria pode ser analisada de acordo com o processo histórico-geográfico que determinou a sua origem. As unidades militares federais hoje aqui instaladas reportam-se a história colonial, imperial e republicana do Brasil, através da materialização de algumas delas que no passado desempenharam importante papel na conquista e defesa das fronteiras no sul do país (Machado, 2012, p. 31).

Padoin (1992) já havia relacionado o início da atividade comercial em Santa Maria ao Acampamento Militar demarcador dos limites, que, por sua vez, acabava atraindo muitos comerciantes para a região. Nesse caso, "o grande número de funcionários públicos ligados a Viação Férrea, acrescido dos militares, gerou uma demanda considerável, ou seja, eram consumidores em potencial (setor alimentício, vestuário, habitação)",

além de contribuírem para "a criação da rede hoteleira, armazéns, escolas técnicas para preparar a mão de obra especializada para a Viação Férrea e pequenas indústrias que se estabeleceram devido à facilidade do transporte" (Padoin, 1992, p. 10).

As atividades em torno da agropecuária também tiveram origem na formação histórica do município. Para Machado (2012, p. 32), "em torno do gado vacum fez surgir o tropeirismo, que abriu caminho pelos quais conduziam-se as tropas de gado vacum, muar e cavalar para serem comercializados nas feiras em Laguna, Sorocaba, São Paulo e Minas Gerais". Assim, a Região Central, Santa Maria, teria servido de passagem para os tropeiros. Até o final do século XIX, no caso, a pecuária se configurando como a principal atividade econômica agrícola de Santa Maria.

Depois disso, por conta, principalmente, dos fluxos imigratórios da Europa para o Brasil, a agricultura passou a ser fortalecida em Santa Maria:

> Até fins do século XIX, assim como ocorria em toda a campanha gaúcha, a mais importante atividade econômica de Santa Maria foi a pecuária. A partir da década de 1880, dada a forte participação de sucessivas levas de imigrantes alemães e italianos, estes em maior número, a agricultura, paulatinamente, foi superando a pecuária em valor produzido [...]. No fim do século passado e nas três primeiras décadas do século XX, a produção agrícola era tanta que se tornou necessária exportação em grande escala de alfafa, milho, banha, fumo, arroz, feijão e batatinha. Nas estações da Viação Férrea de Estação Colônia (atual Camobi), Val de Serra, Arroio do Só e Santa Maria, embarcavam-se produtos para São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Uruguai e Argentina. Santa Maria tornou-se a maior exportadora de alfafa da América Latina. Favorecida pela nova fonte de riqueza, mais dinheiro passou a circular na cidade, sobretudo no comércio. Para cá vinham os colonos a cavalo ou de carroça, portando suas malas de garupa para realizarem compras de mercadorias, não existentes nos bodegões de seus redutos coloniais. (Beber, 1998, pp. 151-152).

Para Padoin (1992) a considerável produção agrícola de Santa Maria foi possibilitada muito em função do "elemento imigrante alemão e italiano, que se dedicavam a esta atividade, principalmente no terceiro e quarto distritos rurais, São Pedro do Sul e Silveira Martins, respectivamente" (Padoin, 1992, p. 29).

Posteriormente, apesar da crise do sistema ferroviário, o setor de serviços manteve destaque, pois a cidade foi se delineando como um importante centro universitário, sediando, inclusive, a primeira Universidade Federal do interior do Brasil, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), fundada em 1960. Ou seja, "com a criação da Universidade Federal de Santa Maria, o número de estudantes (população flutuante), de professores e funcionários ligados a esta, contribuíram para que a tradição de centro comercial se mantivesse" (Padoin, 1992, p. 10-11). Além disso, o contingente militar da cidade também permaneceu em constante ascendência, já que tivemos a inauguração da Base Aérea de Santa Maria, em 1971.

A ampliação da indústria santa-mariense também esteve diretamente relacionada à expansão do sistema ferroviário brasileiro, vinculada essencialmente à produção agropecuária e ao comércio (Padoin, 1992). A Fábrica *Cyrilla* de Bebidas Ltda. de Santa Maria, apesar de estar em funcionamento desde 1906, só foi inaugurada oficialmente em 20 de setembro de 1910, por Frederico Adolfo Diefenthaler, em sociedade com o químico Ernesto Guilherme Geys, com a finalidade de produzir e comercializar águas minerais, águas gasosas (refrigerantes), licores e aperitivos (Arbage; Souza, 2001), "sendo a pioneira na cidade de Santa Maria, no tocante à industrialização de bebidas, e uma das mais importantes e representativas da região central do Rio Grande do Sul" (Lima, 2019, p. 81).

Destacamos que "sua localização, no Bairro Itararé, ficava próxima aos trilhos da Viação Férrea". Em função da ferrovia, "o bairro concentrava parcela significativa da população de Santa Maria, que possuía alto poder aquisitivo, dados os elevados níveis de renda oriundos da empresa ferroviária local e do comércio que se desenvolvia nas proximidades da Estação Férrea" (Lima, 2019, p. 81).

Figure 1

Fábrica Cyrilla



Note. Acervo da Fábrica *Cyrilla* (sem data). Disponível em: Lima, 2019, p. 83

"Imediatamente um ano após a sua fundação oficial, a Fábrica *Cyrilla* apresentava indicativos de que teria potencial para prosperar" (Lima, 2019, p.84), destacando-se enquanto "indústria sul-rio-grandense, sendo convidada a participar de uma feira internacional [...], a Esposizione Internazionale Dell'Industria del Lavoro, que aconteceu na cidade italiana de Turim, no ano de 1911" (Antunes, 2014, p. 24-25). Na ocasião, recebeu a premiação pela qualidade do licor "Ouro Potável", demonstrando que a Fábrica *Cyrilla*, estava produzindo bebidas, a ponto de ser reconhecida internacionalmente (Lima, 2022).

Antunes (2014) destaca que a consolidação da fábrica como indústria local viabilizou a expansão da comercialização de seus produtos por todo o Rio Grande do Sul. Segundo a autora, esse avanço resultou de múltiplos fatores, entre os quais o fim da Primeira Guerra Mundial — que estimulou a fabricação de bens de consumo — e a localização de Santa Maria na região central do estado. Além disso, o estabelecimento fixou-se no bairro industrial da época para aproveitar os "benefícios que a mesma [ferrovia] proporcionava a cidade, tendo na década de 1930 suas bebidas vendidas nos restaurantes localizados dentro dos vagões e nos postos da Viação Férrea do Rio Grande do Sul" (Antunes, 2014, p. 34).

Este processo de consolidação também ocorreu através de uma segunda premiação internacional conquistada pela Fábrica *Cyrilla*, na Feira Internacional em Comemoração ao Primeiro Centenário da Independência do Brasil, ocorrida no Rio de Janeiro, nos anos de 1922 e 1923, na qual "foi conferida à 'Fábrica *Cyrilla*' o 'Voto de Louvor' e 'O Grande Prêmio', como melhor marca produtora de licores" (Antunes, 2014, p. 31).

Além destas duas premiações internacionais, a Fábrica *Cyrilla* foi premiada na "Primeira Feira Regional de Amostras de Cruz Alta, em 1933", na "20ª Grande Exposição Pastoril Agrícola e Industrial de Bagé, em 1933" e na "Exposição Estadual de Animais e Produtos derivados de Santa Maria, em 1941" (Beber, 1998, p. 244), ganhando destaque, inclusive, no "Álbum Ilustrado Comemorativo do Primeiro Centenário da Emancipação Política do Município de Santa Maria"[1] (Lima, 2019).

"Depois deste período, a fábrica sobreviveu à destruição de sua infraestrutura, em 1942, ocorrida em função do movimento de quebra-quebra" [2] (Lima, 2019, p. 87. Também sobreviveu a crise do sistema ferroviário brasileiro, durante os anos 1950, momento em que passou por um processo de recuperação. Esta recuperação ocorreu, principalmente, em virtude da produção da *Cyrillinha*.

A *Cyrillinha* foi criada em 1955 e era um refrigerante produzido a partir dos óleos essenciais extraídos da casca da laranja, possuindo somente 3% do suco de laranja em sua composição. Esta bebida pode ser considerada como uma inovação, pelo sabor peculiar, ao ser produzida a partir de óleos essenciais oriundos da casca da laranja e, também, porque era comercializada em uma embalagem diferenciada, de 120ml que favorecia o consumo entre o público infantil, agradando também o público adulto, ao ponto de se tornar um dos maiores sucessos de venda.

Apesar do sucesso de vendas, a recuperação da fábrica foi desacelarda pela instalação do Decreto nº 5.823, de 1972[3], conhecido como "Lei dos Sucos", que estabeleceu novos parâmetros para a produção de refrigerantes, de modo que "qualquer bebida que fosse produzida e comercializada como provinda originalmente de frutas, deveria possuir, obrigatoriamente, uma determinada porcentagem de suco natural" (10%) (Lima, 2019, p. 88). Esta legislação afetou não somente a produção da *Cyrillinha*, mas outros produtos, como, por exemplo, o Guaraná. Em Lima (2019) produzimos uma análise detalhada de como este decreto estava articulado a uma política econômica mais ampla, vinculado a interesses de um governo ditatorial.

Tal como assinalamos em Lima (2019, p. 158), "apesar das dificuldades que a Fábrica *Cyrilla* encontrou nos anos 1970, ela permaneceu como sendo uma empresa identificada com o município de Santa Maria e, sobretudo, mantendo a sua característica em relação à qualidade de seus produtos". Isso pode ser verificado a partir das premiações recebidas, sendo uma delas de "Destaque Indústria 1976", concedida pela Associação Comercial e Industrial de Santa Maria:

> Pela Associação Comercial e Industrial, após escolha feita por uma comissão de alto nível, como reconhecimento e homenagem, por ter essa empresa se esforçado e obtido pleno êxito na implantação e desenvolvimento de sua indústria, contribuindo pioneiramente para a industrialização de Santa Maria e para o progresso social e econômico do município e dessa região. (Lima, 2019, p. 158)[4]

Apesar dos esforços e tentativas de produzir um refrigerante similar à *Cyrillinha*, dentro dos parâmetros exigidos pela nova legislação, a estratégia e produto não tiveram a mesma aceitação, provocando uma crise na empresa, que se estendeu pelo menos até 1988, quando o decreto foi revogado e a empresa pode voltar a produzir a *Cyrillinha*. Porém, "mesmo com o esforço, o contexto não era mais o mesmo, passados dezesseis anos da promulgação do decreto, o mercado consumidor já estava aderindo a outros produtos à base de

[1] Álbum ilustrado comemorativo do 1º Centenário da Emancipação Política do Município de Santa Maria (17 de maio de 1858 – 17 de maio 1958), p. 108. Casa de Memória Edmundo Cardoso.
[2] Os episódios de quebra-quebra no Brasil foram movimentos que destruíram estabelecimentos comerciais e industriais, bem como residências privadas, cujos proprietários tinham origem em países do Eixo, Alemanha, Itália e Japão, sejam eles como imigrantes ou como descendentes nascidos no Brasil. Tais episódios ocorreram em 1942, durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, em diversas regiões do Brasil. Em Lima (2019) há um detalhamento sobre estes episódios e, em especial o que ocorreu com a Fábrica Cyrilla.
[3] BRASIL. Presidência da República. Decreto Lei nº 5.823, de 14 de novembro de 1972. Brasília: Diário Oficial da União, 1972. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L5823.html>. Acesso em: 08 ago. 2026.
[4] Fonte: Prêmio Destaque Indústria 1976, concedido pela Associação Comercial e Industrial de Santa Maria, em 16 de julho de 1976. Acervo da Fábrica Cyrilla. Disponível em Lima (2019, p. 158).

cola, sendo que a tão famosa e consumida *Cyrillinha* não teve mais o grande sucesso" (Lima, 2019, p. 88).

Embora buscando alternativas e diversificando sua gama de produção, a empresa fechou as portas em 2008. Em 2012, foi comprada por um grupo de empresários locais, com o intuito de voltar a produzir as bebidas da marca, além de construir um museu sobre ela no local. A sua reabertura aconteceu em 2020, quando voltaram a produzir a *Cyrillinha* em sua fórmula original.

Como podemos observar, a *Cyrilla* vivenciou distintos momentos históricos, com premiações internacionais, assim como momentos de restrições, seja durante o Estado Novo, com os movimentos de quebra-quebra, ou, posteriormente, a Lei dos Sucos (Lima, 2019). Porém, a trajetória da Fábrica *Cyrilla* demonstrou "uma preocupação de se impor enquanto indústria santa-mariense e formar laços com a população do município" (Antunes, 2014, p. 47), constatação que Antunes (2014) chegou a partir de materiais de divulgação publicados em jornais, que referenciavam a marca *Cyrilla* a Santa Maria. Segundo a autora, era recorrente o consumo de bebidas produzidas pela Fábrica em Santa Maria, "fosse em confeitarias, festas ou em residências, a *Cyrilla*, muito mais que uma marca vinculada à indústria de bebidas, tornou-se uma 'marca registrada' da identidade santa-mariense" (Antunes, 2014, p. 13).

Fábrica *Cyrilla*: memória e pertencimento

Estudos relacionados ao patrimônio industrial no Brasil vêm despertando interesse entre pesquisadores nas últimas décadas, articulando, entre outras questões, a história do trabalho, a arquitetura fabril e a preservação da memória urbana e rural. A indústria de bebidas (cervejas, cachaça/açúcar, vinhos e refrigerantes) possui papel de destaque nessa trajetória, pois acompanhou processos de urbanização e as transformações socioculturais do país desde o século XIX.

Com base no exposto, podemos perceber que a história da Fábrica *Cyrilla* esteve ligada diretamente a história de Santa Maria e a identidade da população. Isso por conta não somente da imagem que ela se propôs a construir ao longo de sua existência, mas também por ações específicas, relacionadas ao processo de produção, capaz de incluir parte da população santa-mariense. Estes elementos ajudam a construir uma identidade, na qual o indivíduo, apresenta-se como "síntese subjetiva dos componentes particulares de sua história pessoal com os elementos históricos do grupo e da sociedade a que ele pertence, expressa pela afirmação de pertencimento a tal ou qual comunidade" (Martins, 2007, p. 54).

Em Lima (2019), assinalamos um exemplo marcante da relação identitária entre a Fábrica *Cyrilla* e a comunidade santa-mariense está no próprio processo de produção do refrigerante *Cyrillinha*. Como a bebida utilizava apenas os óleos essenciais extraídos da casca da laranja, os frutos excedentes eram doados ou vendidos a valores simbólicos à população. Essa prática construiu um laço comunitário preservado até hoje na memória coletiva dos moradores do bairro Itararé, que recordam o período com saudosismo.[5].

Esta ideia de identificação também pode ser verificada através de correspondências emitidas por empresários santa-marienses, direcionadas aos proprietários da Fábrica *Cyrilla*, demonstrando apoio para pressionar órgãos competentes, com a finalidade de que a fábrica voltasse a produzir a *Cyrillinha*, após a "Lei dos Sucos". A seguir, trouxemos de Lima (2019), elementos que passaram a demonstrar este apoio. Em uma dessas correspondências, emitida pelas Casas Eny, em 1986, os remetentes chegaram a mencionar, inclusive, a organização de um movimento na cidade visando o retorno da produção da *Cyrillinha*, de modo a se colocarem como porta-vozes do descontentamento local, tal como podemos observar no seguinte fragmento:

[5] Em 2021, pouco tempo depois da reabertura da fábrica, a agência de Notícias Central Sul publicou uma matéria, em que demonstra um pouco deste sentimento, de pertencimento e carinho da população pela marca. Da falência à volta por cima da Cyrilla. Disponível em:https://centralsul.org/2021/cyrilla/ . Acesso em 05 ago. 2026.

> Sabedores do movimento existente na cidade com o objetivo de retornar à fabricação [...] da antiga '*Cyrillinha*', fórmula anteriormente existente e que deixou de ser utilizada devido à 'Lei dos Sucos', queremos através desta, nos solidarizar junto a essa antiga empresa da cidade, juntamente com a comunidade santa-mariense, com o propósito de pressionar os órgãos competentes para que se possa ter novamente a tradicional e excelente '*Cyrillinha*. (Lima, 2019, p, 143)[6]

Os Irmãos Fleck Ltda. Indústria e comércio de calçados, selaria e artigos de couro em geral, também emitiram uma correspondência à Fábrica *Cyrilla*, solicitando que ela voltasse a produzir seus produtos com a fórmula original, também fazendo alusão a *Cyrillinha*, ressaltando a importância do produto para a economia e para o sentimento coletivo:

> Consumidores que somos dos renomados produtos por vós produzidos, há longos anos e, em especial, a linha de refrigerantes por esta razão vimos pelo presente solicitar-lhes que voltem a fabricar os seus produtos em sua fórmula original. Queremos solicitar-lhes principalmente o de sabor laranja, por ser fabricado com matéria prima abundante em nossa região. Cremos ser a nossa, a mesma aspiração de todo Santamariense que ao longo dos anos acostumou-se a saborear um produto natural, sem mistura de corantes químicos tão prejudiciais à saúde humana. (Lima, 2019, p. 142)[7]

Além de empresários locais, encontramos registros de manifestações da população, que, também, através de correspondências enviaram um apelo para que a Fábrica *Cyrilla* voltasse a produzir a *Cyrillinha*. Tal apelo pode ser observado no seguinte fragmento, enviado por Francisco Dilhe, reforçando o valor simbólico do refrigerante:

> Como santa-mariense nato, acostumei-me desde criança a tomar os produtos por vós produzidos, por saber que eram fabricados ao natural, sem aditivos químicos como outras marcas.
> Lamentavelmente, há muito que não mais encontramos aquele refrigerante com sabor LARANJA.
> Por esta razão, vimos pelo presente apelar ao vosso espírito empresarial para que volte a fabricar o referido refrigerante em sua fórmula original, ou seja, da própria laranja, fruta abundante nesta zona.
> Desde já, estão vossas senhorias autorizadas a fazer uso desta, para que junto a quem de direito, possamos ver nossa reivindicação atendida no mais curto espaço de tempo. (Lima, 2019, p. 142)[8]

Estes depoimentos e pedidos vindos através de correspondências nos ajudam a dimensionar o quanto a Fábrica *Cyrilla* estava presente no cotidiano da população de Santa Maria e região e o quanto a população prestigiava e se identificava com o sabor dos produtos da fábrica, em especial a *Cyrillinha*. Somado a isso, a trajetória da Fábrica *Cyrilla* também demonstrou "uma preocupação de se impor enquanto indústria santa-mariense e formar laços com a população do município" (Antunes, 2014, p. 47), constatação que Antunes (2014) chegou a partir de materiais de divulgação publicados em jornais, que referenciavam a marca *Cyrilla* a Santa Maria.

Além destes depoimentos acima referidos, alguns mais foram encontrados junto ao acervo da fábrica e tinham o mesmo intuito. Um deles, por exemplo, foi remetido por uma distribuidora de bebidas de Santa Maria, denominada Sarturi, Cauduro Cia. Ltda., enviando a correspondência na condição de porta-voz dos consumidores dos produtos, em especial a *Cyrillinha*.

[6] Fonte: Fragmento da carta enviada à Fábrica Cyrilla, pelas Casas Eny. 07 de outubro de 1986. Acervo da Fábrica Cyrilla. Disponível em Lima (2019, p. 142).
[7] Fonte: Fragmento de correspondência enviada à Fábrica Cyrilla pelos Irmãos Fleck Ltda. Indústria e comércio de calçados, selaria e artigos de couro em geral, em 24 de setembro de 1986. Disponível em Lima (2019, p. 142).
[8] Fonte: Fragmento de correspondência enviada à Fábrica Cyrilla por Francisco Dilhe, em 24 de setembro de 1986. Disponível em Lima (2019, p, 143).

> A Firma Sarturi, Cauduro. Cia. Ltda., na condição de distribuidor de seus conceituados produtos, vem através desta solicitar aos Senhores o retorno da fórmula primitiva dos refrigerantes por vos produzidos, especialmente o de sabor laranja que tão boa impressão deixou a seus admiradores. Esta solicitação vem em decorrência de inúmeros pedidos de clientes por nós atendidos (Lima, 2017, p. 144)[9].

Acrescentamos que correspondências enviadas por pessoas físicas também foram localizadas no acervo da Fábrica *Cyrilla*. Uma delas, remetida pelo consumidor identificado como Claudio Roberto Morgental, que além de parabenizar a empresa pela passagem de seu aniversário, também ressaltou a admiração pela então *Cyrillinha*:

> Como santa-mariense e consumidor dos afamados produtos por vocês fabricados, sinto-me orgulhoso por cumprimentar esta indústria que comemora com muita propriedade seu Jubileu de Diamante.
> Para mim, não existe nada melhor do refrescar a sede com tão saborosos refrigerantes.
> Está para existir algo melhor no mundo que nossa *Cyrillinha*, que sempre esteve presente em nossas festas de criança.
> Que possamos ainda sentirmos novamente o gosto inconfundível deste inigualável produto, que foi resguardado pela ânsia das multinacionais em conhecer sua fórmula.
> A todos vocês que lutam para continuar avante esta indústria genuinamente desta terra, meus parabéns, e que os 75 anos seja um marco para que a *Cyrilla* imponha-se cada vez mais em nosso mercado e que nossa tão querida *Cyrillinha* volte como era a ser presença nas festinhas de nossos filos. (Lima, 2017, p. 145)[10]

Este último fragmento reúne e ilustra estes dois elementos até então mencionados, em relação à identificação do santa-mariense com a fábrica e, dimensionando à importância assumida pela *Cyrillinha*, seja ela no sentido de faturamento da empresa ou mesmo na memória coletiva e afetiva dos santa-marienses que a consumiam. Além disso, o depoimento de Morgental explicita o conflito entre a produção artesanal/local —percebida como pura e genuína— e o avanço dos conglomerados multinacionais do setor de bebidas, de modo que a expressão "nossa *Cyrillinha*" confirma a apropriação identitária do bem industrial pela comunidade.

Ainda em relação à importância que a *Cyrillinha* representava para a empresa, resgatamos, a correspondência remetida por uma empresa do Rio de Janeiro, averiguando, junto à direção da Fábrica *Cyrilla*, a possibilidade de uma representação comercial no Rio de Janeiro, sinalizando o potencial que o produto poderia assumir em uma escala mais ampla:

> Sendo conhecedor do refrigerante *Cyrillinha*, pelo seu incomparável sabor e cuja matéria-prima, a casca da laranja, pioneira em sua composição, desejo parabenizar a direção desta renomada indústria de refrigerantes pela passagem dos 90 anos de existência.
> Aqui, no Rio de Janeiro, não temos refrigerante comparável ao aroma e sabor da *Cyrillinha*.
> Apreciaria se a direção desta fábrica se pronunciasse sobre uma possível representação junto aos supermercados e depósitos de bebidas da cidade. (Lima, 2017, p. 145)[11]

[9] Fonte: Fragmento de correspondência enviada à Fábrica Cyrilla por Sarturi, Cauduro & Cia. Ltda. s/d. Disponível em Lima (2017, p. 144).
[10] Fonte: Fragmento de correspondência enviada à Fábrica Cyrilla por Claudio Roberto Morgental, em 21 de outubro de 1985. Disponível em Lima (2017, p. 145).

[11] Fonte: Fragmento de correspondência enviada à Fábrica Cyrilla por Orlando Bohrer Monteiro, em 05 de abril de 2000. Disponível em Lima (2017, p. 145).

A partir das fontes, podemos identificar três núcleos de sentido: mobilização empresarial/institucional; memória afetiva individual; e valoração da identidade regional frente às regulamentações que interferiam na produção de bebidas, sendo a *Cyrillinha* o exemplo utilizado. Isso reforça a construção de que a Fábrica *Cyrilla*, mesmo em momentos de crise, ou quando esteve fechada, permaneceu na memória dos santa-marienses, articulações da memória individual com a história do grupo social (Halbwachs, 2006).

Apesar do encerramento das atividades produtivas em 2008, o vínculo de pertencimento não foi desfeito. Em 2012, a fábrica foi adquirida por empresários santa-marienses com o objetivo de retomar a produção das bebidas originais. A concretização da reabertura em 2020 consolida o reencontro da comunidade com seu "lugar de memória", onde o desenvolvimento econômico regional e a preservação da identidade cultural caminham articulados.

Considerações Finais

A criação da *Cyrilla* no Bairro Itararé esteve diretamente vinculada ao dinamismo proporcionado pela ferrovia. Conforme detalham Grunewaldt (2010), Padoin (1992) e Beber (1998), a posição central de Santa Maria e o estabelecimento das oficinas da Cia. Belga transformaram o município em um entreposto comercializador de grande porte. A proximidade com os trilhos facilitou a distribuição das bebidas da marca nos postos e vagões-restaurante da VFRGS a partir da década de 1930.

Em 1911, a fábrica conquistou premiação pela qualidade do licor "Ouro Potável" na Esposizione Internazionale Dell'Industria del Lavoro em Turim, Itália. Décadas mais tarde, logrou outras premiações. Contudo, mesmo com esse reconhecimento, a fábrica esteve exposta às intempéries geopolíticas e econômicas do país. Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, o prédio da fábrica foi atacado e destruído no movimento de "quebra-quebra", motivado pelo sentimento anti-germânico que atingiu empreendimentos de imigrantes alemães no Sul do Brasil. Posteriormente, a crise do modal ferroviário nos anos 1950 exigiu da empresa uma reestruturação de mercado.

A recuperação econômica da fábrica a partir da segunda metade do século XX esteve centrada na criação da *Cyrillinha*, refrigerante produzido com óleos essenciais extraídos da casca da laranja regional. O processo produtivo estabeleceu um laço comunitário no Bairro Itararé, consolidando relações de vizinhança e solidariedade

Entretanto, em 1972, a promulgação do Decreto nº 5.823 (a "Lei dos Sucos") exigiu uma porcentagem mínima obrigatória de suco natural para bebidas comercializadas com menção a frutas. A alteração forçada na fórmula da *Cyrillinha* comprometeu o sabor tradicional e causou retração nas vendas, estado de crise que persistiu até a revogação do decreto em 1988.

A resistência à perda da fórmula original revelou que a *Cyrillinha* extrapolou a condição de mero bem de consumo comercial, tornando-se elemento central da memória afetiva e da identidade santa-mariense (Antunes, 2014). As cartas do acervo da fábrica demonstram uma mobilização comunitária que tensionava a regulação do Estado nacional e a concorrência das multinacionais.

A reação da comunidade frente às alterações impostas pela legislação federal demonstrou o apego da comunidade em relação a *Cyrillinha*. A reabertura do empreendimento em 2020 afirma a vitalidade do fábrica, evidenciando seus laços identitários com a cidade.

Referências

Álbum ilustrado comemorativo do 1º Centenário da Emancipação Política do Município de Santa Maria (17 de maio de 1858 – 17 de maio 1958). (1958). Casa de Memória Edmundo Cardoso.

Antunes, J. R. (2014). *A "antiga Fábrica Cyrilla": Patrimônio cultural de Santa Maria* [Monografia de graduação].

Universidade Federal de Santa Maria.

Arbage, A. P., & Souza, A. R. (2001). *Estrutura de mercado e estratégias de empresas: O caso da Fábrica Cyrilla*. UFSM.

Associação Comercial e Industrial de Santa Maria. (1976, 16 de julho). [*Prêmio Destaque Indústria 1976 concedido à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.

Beber, C. C. (1998). *Santa Maria 200 anos: História da economia do município*. Pallotti.

Brasil. (1972, 14 de novembro). Decreto-Lei nº 5.823. *Diário Oficial da União*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L5823.html

Casas Eny. (1986, 7 de outubro). [*Correspondência enviada à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.

Central Sul Agência de Notícias. (2021). *Da falência à volta por cima da Cyrilla*. https://centralsul.org/2021/*Cyrilla*/

Dilhe, F. (1986, 24 de setembro). [*Correspondência enviada à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.

Grunewaldt, S. (2010). Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do século XX. In B. T. Weber & J. I. Ribeiro (Orgs.), *Nova história de Santa Maria: Contribuições recentes* (pp. 335–350).

Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva*. Centauro.

Irmãos Fleck Ltda. (1986, 24 de setembro). [*Correspondência enviada à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.

Lima, B. (2017). Interfaces da história da Fábrica *Cyrilla* de Santa Maria/RS durante o Estado Novo no Brasil. In M. M. Padoin, M. M. Harres, R. L. dos Santos & T. A. Luchese (Orgs.), *Migrações e Diversidade: Múltiplos Olhares* (v. 1, pp. 325–338). Oikos.

Lima, B. (2019). *Fronteiras entre o regional e o transnacional na política de desenvolvimento do Brasil e o caso da Fábrica Cyrilla* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Maria.

Machado, A. C. (2012). *A formação territorial de Santa Maria: Do acampamento militar ao entroncamento ferroviário*. Editora UFSM.

Martins, J. S. (2007). *A sociabilidade do homem simples: Cotidiano e história na modernidade*. Contexto.

Monteiro, O. B. (2000, 5 de abril). [*Correspondência enviada à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.

Morgental, C. R. (1985, 21 de outubro). [*Correspondência enviada à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.

Padoin, M. M. (1992). *O empresário comercial em Santa Maria/RS: Uma análise histórica sobre a CACISM* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Paraná.

Sarturi, Cauduro & Cia. Ltda. (s.d.). [*Correspondência enviada à Fábrica Cyrilla*]. Acervo da Fábrica *Cyrilla*.



Los textos publicados en esta revista están sujetos –si no se indica lo contrario– a una licencia de Atribución CC 4.0 Internacional. Usted debe reconocer el crédito de la obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios. Puede compartir y adaptar la obra para cualquier propósito, incluso comercialmente. Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace. No hay restricciones adicionales. Usted no puede aplicar términos legales ni medidas tecnológicas que restrinjan legalmente a otros a hacer cualquier uso permitido por la licencia.